



REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: Santos Arranha 🛞 Editor: Alexandre de Assis 🐇 Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»

Oficinas de composição e impressão: Imprensa Beleza - R. da Rosa, 99 a 107

Redacção e Administração: Calçada do Combro, 38-A, 2." - Lisboa

Telefone: Trindade 5 3 9

SUMARIO do numero anterior:

O preconceito da virgindade: A mulher livre; O matriarcado; O principio da escravidão; O rebaixamento da mulher; O cristianismo, falso reabilitador da mulher; A virgindade, inútil pormenor anatómico; O desprezo pela virgindade entre os selvagens; A Idade Média e a mulher; A Grande Guerra e as liberdades femininas; O grunhir de Catão; Liberdade — com desenho de Rocha Vieira. Os Santos revoltados de Rocha Martins. O compadre Sapo, conto para crianças por Maria de Sotto-Mayor e Abreu. Os artistas e o trabalho, com reproduções de esculturas celebres. Não matarás, com ilustrações de Rocha Vieira. O mundo curioso. Soterrados, novela social de Eduardo Frias. Actualidades: Azedo Guecco; Amedée Bousquet; O centenario da primeira locomotiva; A execução de tres acusados de autores do atentado da catedral de Sotia. Hors-texte: Anoitecer. Capa: desenho e concepção de Stuart Carvalhais.

Ano I - Numero 3

Lisboa, 1 de Agosto de 1925

O presente número não contem Hors-texte.

Removação)

MORRER DEVAGAR...

A morte lenta, pela má alimentação, pela falta de assistência médica, pela deficiente habitação.
 — Os bairros sombrios. — As alfurjas de Alfama e as barracas dos Terramotos. — O tripudiar dos senhores. — O crime da sciência. — Os reus transformados em acusadores. — A quem pertence o futuro.

Evocámos no último número desta revista a morte — função e objectivo máximo da sociedade capitalista do estado burguês, da religião dominante. Enunciámos só, então, alguns dos processos violentos de matar, sem aludirmos sequer aos requintes de perversão que a sociedade atual põe em matar lentamente.

A morte violenta, dramática, espectaculosa, é ainda a que menos vítimas faz. A outra tem nessa funebre partilha a parte de leão.

O desprezo pela vida humana não o revelam os de cima só nas guerras, nas execuções legais, no sangrento



Os bairros onde se morre - Uma rua da Alfama



Uma rua da Mouraria - Outro bairro onde se morre

entrechocar das suas paixões. Esse desprezo, formidavel de hipocrisia, está, principalmente, na morte decretada a frio, calculada, olhada indiferentemente na aparência, gosada com prazer, no intimo.

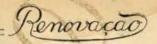
A' face das estatísticas, não seria difícil fazer o balanço, referido ao primeiro quarto dêste século, pondo dum lado as vítimas das leis, das guerras, dos atentados pessoais e do outro os que sucubiram por força da criminosa organização social em que nos debatemos.

Quantos seres padeceram morte violenta? Digamos um número, ao acaso, — cincoenta milhões.

Agora vejamos: quantas são as vítimas da miséria, do excesso de trabalho, das más condições de alimentação, da falta de higiene?!

Quantas crianças mortas, por falta de assistência moral e material ás mães, no periodo da gestação, e de cuidados e alimentação apropriada, na primeira infância?!

Quantos seres a absurda moral sexual vitima, com



o seu capricho de impedir a livre união dos sexos, atirando as mulheres para a prostituição e os homens para as terriveis doenças venéreas e para a sífilis?!

Quantas pessoas morrem de intoxicações provenientes da falsificação dos géneros?!

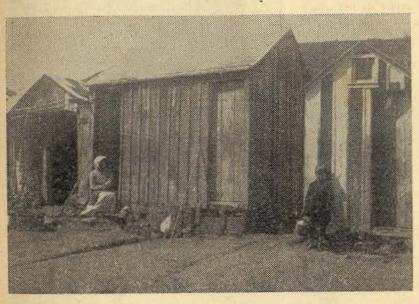
Quantas sucumbem por falta de assistência médica, êsse luxo de ricos?!

Quantos suicidios motivou o desespero da vida, condicionada pela desigualdade social e o absurdo preconceito da honra?!

Quantas vítimas de desastres de trabalho, que um pouco menos de ganância por parte dos senhores evitaria?!

Quantas mortes se não devem ás más condições higienicas das oficinas e das habitações?!

Quantas?!



Casas que matam - Uma barraca no Bom Sucesso

E' a habitação um dos principais factores da mortalidade nas classes populares. Nela se resume quanto de vexame e desprezo os que dominam votam aos que trabalham. Mais do que no vestuário, a diferenciação entre pobres e ricos, entre os que sofrem as torturas do existente e os que gosam o prazer de viver, está na habitação. Ela é o índice do estado de degradação em que os exploradores querem vêr os explorados.

A habitação mata mais do que qualquer epidemia, porque gera todas as doenças — físicas e morais.

Percorramos os bairros sombríos, — nesta cidade de palácios e jardins, — onde habitam os operários, a maioria da população. O contraste é arripiante. Podem os quarteirões, onde o oiro e a crápula escolheram pousio, não ser elegantes, não ter beleza, mas têm luz e têm ar, têm comodidades. Os outros, os bairros tristes, onde a miséria se acoita, enojam na sua sordidez, confrangem no seu abandono, afligem na sua exiguidade.

Alfama, Terramotos, mesmo a Mouraria, Alcântara, Santa Apolónia são formados de antros que urge arrazar. Nas ruas estreitas, nos altos prédios sombríos, nas barracas cobertas de zinco, nas caves húmidas, nas aguas-fur-

tadas batidas pelos vendavais — há angústias para infinitos dramas, carne em corrupção que aguarda breve a sepultura.

A escassez de habitações gerou essa promiscuidade, que obriga duas, três familias a comprimirem-se no mesmo andar estreito, que mal chegaria para uma. O que isso provoca de amargura, de dissolução dos costumes, de crimes!

A mesma escassez levou famílias de operários a utilizar barracas de banhos para viver. Assim se originou uma estranha aldeia de miséria, que se ergue, nas suas madeiras desbotadas, nas terras de Santa Marta, em Algés. Nêsses cacifos, onde mal caberiam três pessoas, vivem famílias, constituidas por casal e quatro ou seis filhos, quando não têm ainda, a um canto, algum parente velho!

Vivem?! Não; morrem lentamente. Sem cubagem,

sem ventilação normal, sem água, sem alegria, poderá chamar-se a isso, a essas tocas sórdidas, um lar? Aí entre essas tábuas mal unidas, que deixam passar a chuva e o vento no inverno e não temperam o calor no verão, deve ter-se a ante-visão da sepultura.

Os enterrados-vivos, que se agitam como larvas na penumbra das caves, devem também sentir-se como no cemitério. Em regra, pouco lhes falta, e êsse pouco a tuberculose abrevia-o.

A Cidade ignora isto? A Cidade dos Palácios e dos Bancos, dos Jardins e das Catedrais, não sente a seu lado a *outra*, a metrópole da

miséria, a capital da dôr? Sabe e acha bem. Folga até com isso. Tem-nos, aos *outros*, acorrentados assim. Estão seguros pela imundície e pela doença, pela fome e pelo cansaco.

E enquanto os pobres, moídos, dormem o sôno pesado de animaes, na enxerga dura, entre farrapos e choros de crianças, a Cidade vai para o Teatro e para o Clube ou se o calor aperta, vai de abalada para as praias e para as termas, certa de que os *outros* continuarão a morrer devagar e a gerar filhos que nascem já marcados pela morte.

Há uma parte da Cidade que é especialmente culpada do grande crime de matar lentamente milhares e milhares de seres. Não são os políticos que sonham com a prebenda; os banqueiros, que sonham com o câmbio; os militares, que sonham com a ditadura; os padres, que sonham com o domínio; os comerciantes e industriais, que sonham com o lucro, — os principais responsaveis por êsse frio e atroz processo de matar, que tem todas as aparências de morte natural. Os maiores criminosos, os grandes réus, são os homens de pensamento, são os sábios, são especialmente os médicos.

Eles bem sabem, - melhor do que ninguem, - que não

Renovação



Uma habitação no Casal Ventoso

deve ser assim. Sabem que a habitação, factor consideravel que a nosologia estuda e a patologia não desdenha, é essencial para a saúde do corpo e da alma. Sabem qual deve ser a cubagem, a distância do sólo, a exposição, a ventilação e a luz, dum quarto de dormir, por exemplo. Sabem quantas pessoas podem permanecer em determinado âmbito. Sabem quais os utensílios indispensaveis a uma elementar higiene, e a quantidade de água precisa para as abluções de cada indivíduo. Sabem até mais. Sabem quantas horas de trabalho podem ser consagradas a cada profissão. Sabem quais as mistelas que não devem ser ingeridas, porque não alimentam — matam. Sabem como devem ser reguladas as práticas sexuais e a higiene que deve presidir a elas.

Sabem, mas calam. Calam e consentem. E consentindo não são só cumplices. São os principais autores. O seu sacerdócio impõe-lhes deveres — que não cumprem. A sciência, de que se dizem detentores, dá-lhes au-

toridade para serem ouvidos — mas êles não falam. Para quê? Se o rico lhes paga em contos as visitas, o remediado em centenas de escudos as consultas e o pobre, — que mal olham, desdenhosos — gasta na farinha das drogas, que o boticário amigo manipula, o que poupa no farelo da consulta?!

Pois é uma sociedade assim, que mata tranquila e lentamente os sócios, — que o são só para os prejuizos e não para os lucros — que se arroga o direito de condenar — e quantas vezes matar! — os que matam por paixão, por tara ancestral, por educação, alicerçada no consagrado desprezo pela vida humana.

E' uma sociedade assim, que, pela violência ou lentamente, só sabe assassinar, que se permite acusar os que pretendem remodelar o existente, organizar uma sociedade melhor, chamando-lhes assassinos, incendiários, destruidores.

Felizmente não atingem as acusações, aquêles que andam, paciente, corajosamente a abrir os caboucos dum edificio social diferente, no qual os homens, todos os homens terão a maior soma de felicidade possível.

E então, e só então, a sociedade terá o direito de se defender dos seus membros tarados que perturbem a harmonia e atentem contra a vida e a liberdade dos seus semilhantes. Esse direito não tem, porém, a sociedade atual porque é ela, pela sua organização iníqua, pelo desprezo em que tem a vida e a liberdade do homem, a principal responsavel dos crimes que se praticam. E' ela a geradora da grande maioria de delitos, de que depois se volve em terrivel e austera acusadora!

Só numa sociedade em que se faculte a todos os seus membros as mesmas possibilidades de procurarem a sua felicidade, suprimindo entre êles o antagonismo de interesses que actualmente se verifica, o homem deixará de ser o lobo do homem para ser o irmão do homem.

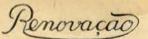
Nessa sociedade futura — esperamo-lo — muitas causas de morte desaparecerão. A sciência cumprirá o seu dever, removendo-as, quanto fôr possível, sem curar, como hoje, da raça, da religião, da nacionalidade, da condição social e, sobretudo, dos haveres, dos padecentes.

Só os libertários — repetimos a afirmação anteriormente feita, — sabem o significado da fórmula — Não matarás! Só êles pretendem uma civilização que se fundamente no integral respeito pela vida. Só êles saberão constituir uma sociedade que dê a todos os sócios iguais beneficios.

A êles pertence o futuro. Quere queiram, quere não, os que agora dominam — êles saberão fazê-lo bem diferente do passado torvo, do angustioso presente.



Em Marvila — Gerero de habitações usado em pleno século XX, apogeu da civilização capitalista



O DESENVOLVIMENTO FISICO

PELO "BOX,,



INDA não há muito que num ring armado no Coliseu dos Recreios, um boxeur—isto é, um homem que aprendeu a arte de distribuir murros, profusamente—recebeu a ultima lição com um murro que o ensanguentou e conduziu ao cemitério.

Um jornal francês, que temos presente, noticia que um combate de box termi-

nou com a morte dum dos lutadores. Num certo espaço de tempo a martiriologia do box é acrescida de mais duas vítimas.

Ora nós temos ouvido frequentemente dizer aos partidários dêste ramo de exercícios físicos que o box contribuia para o desenvolvimento físico dos individuos. E nós, diante de dois jornais que nos relatavam a morte de dois boxeurs, interrogámos com espanto:

— Será a morte o máximo de desenvolvimento físico que uma pessoa pode atingir?

Se esta bizarra pregunta fôsse de molde a permitir uma resposta afirmativa, julgar-nos-iamos no direito de incluir, no número dos processos destinados a desenvolver fisicamente a espécie, o suicídio feito do último andar dos prédios mais altos; o atropelamento dos automóveis do P. A. M.; a absorção dos bacilos da febre tifoide pelas águas da Companhia; um salário diário de 2\$50; o pão da Moagem e as pistolas e carabinas da polícia chefiada pelo sr. Ferreira do Amaral, e as deportações feitas pelo processo do sr. Victorino Godinho e sancionadas pelo ódio do sr. António Maria da Silva...

* A afirmação de que o box é uma arte passou a ser monótona, á fôrça de ser repetida. Sacrifiquemo-nos a analizá-la, de leve.

Em que consiste o box? Resumidamente: é um conjunto de regras que uma vez aprendidas dão a um individuo a faculdade de esmurrar solidamente um outro e a desviar os murros que, como desforço, lhe sejam arremessados. Nesta troca aparatosa e scientífica de murros— dizse tambem que o box é uma sciência—há que observar determinados preceitos, consistindo um dêles na demarcação da região do corpo em que êles podem e devem ser aplicados. Da cabeça até ao ventre, todos os murros o box consente; do ventre até às unhas dos pés, todos os murros o box prolbe.

Da natureza da arte ressalta claramente que os murros dados em plenos olhos, no estômago ou no coração são magnificos e são consentidos. O boxeur que saiba atingir os seus adversários de maneira a reduzi-los a um farrapo ensangüentado ou mesmo a matá-los, é o melhor, o mais digno, o mais artista. O desgraçado do bruto que vai para o cemitério não merece simpatia, ao passo que o outro, o feliz do bruto que o matou, faz uma fortuna e tem a seus pés os aplausos das multidões embevecidas e deslumbradas. Mas êsse homem que mata é um assassino — dirão. Não. Êsse homem que mata a murros, dentro de regras que permitem a mutilação e a morte, é um boxeur. E' esta a lógica dos defensores do box.

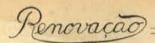
A consciência do boxeur está no poder dos seus murros. O boxeur que vence não é o mais culto, nem o mais inteligente, nem o mais honesto. E' o que distribui sôcos mais fortes e mais decisivos.

Um combate de box atrae mais gente do que um espectáculo de teatro. Na Europa e na América causou maior impressão os murros trocados entre Dempsey e Carpentier que a descoberta da telegrafia sem fios feita por Marconi ou a travessia do Atlantico feita por Gago e Sacadura.

Um boxeur ganha mais do que um médico, porque a arte de matar é, pelo visto, mais necessária à humanidade do que a sciencia de curar. Para um defensor do box qual é o homem de maior valor? o que seja invencivel em distribuir murros.

E diante dos dois boxeurs que a morte levou, todos nós somos forçados a considerar que se matar um homem é crime, na maioria dos casos, roubar a vida a murro é uma virtude. E' uma fortuna. E' a celebridade que as multidões, tão ferozes como as dos circos romanos, confirmam, aplaudindo o vencedor e urrando de goso pela sua sinistra vitoria...

Cristiano Lima



PROMETEO QUERE LIBERTAR-SE!



S lendas e os mitos que para muita gente não passam de invenções maravilhosas do génio humano, traduzem na sua ingenuidade eternos sentimentos de humanidade. Por vezes, uma lenda de aspecto fantástico contém mais verdade do que os volumes de História escritos no estilo mais sóbrio e severo por homens sizudos. A História, em regra, limita-se a contar factos que ao historiador pareceram de

fundamental importância para a humanidade. A lenda, o mito, que não se sabe ao certo de onde vem nem onde A Liberdade é uma aspiração tão velha como a humanidade. A maneira como os homens primitivos exteriozavam êsse sentimento é que se tem modificado através dos tempos. As palavras são outras, o estilo é diferente, mas a essência é sempre a mesma. O habitante das cavernas exprimi-lo-ia por sons ásperos e imperfeitos; depois, pelas civilizações adiante, êsse mesmo sentimento foi revestindo sucessivamente formas e aspectos diversos até ao nosso século.

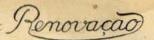
As lendas, nas quais perpassa sempre um sopro de perfeição, uma ânsia irreprimivel de ventura, são, em regra, a expressão mais bela do eterno sentimento de Liberdade.



Prometeo e a aguia - escultura do artista espanhol Salazar

nasceu, é, quasi sempre, a despeito das suas incoerências aparentes, a expressão fiel do sentimento do homen em determinada época. E como o sentimento humano se modifica com lentidão enorme, as lendas mais antigas, os ritos mais remotos maravilham e encantam ainda os homens dos nossos dias. São expressões antigas de sentimentos eternos.

Prometeo, o gigantesco Prometeo, filho de Titan e irmão de Atlas, vive ainda no nosso coração. O sofrimento dessa criatura é um pouco o sofrimento de todos nós. Jupiter, deus cruel e vingativo, como todos os deuses, ordenou a Vulcano que o prendesse nas montanhas do Caucaso. A figura enorme, grandiosa do gigante manietado espargia sombras de tristeza sobre a Terra. Éle simboli-



sava a Liberdade agriolhada pelo capricho dum Deus tirano, dêsse Jupiter pagão que transmitiu ao Padre Eterno
as suas taras de despotismo. Assim amarrado, contorcido
de angústia, Prometeo viu descer do horizonte azul e limpido a sombra negra e sinistra do abutre que trazía a
morte nas suas garras e a tortura no seu bico adunco. A
ave rasgou-lhe as carnes, despedaçou-lhe o figado, chafurdou no sangue vermelho e quente. Mas Prometeo era tão
forte, tão grande, residia nêle tal soma de Justiça, tal di
reito de viver, que o figado retalhado recompunha-se-lhe e
seu sangue palpitante nunca se exgotava. Jupiter assistiria
aferrorizado do Olimpo áquêle combate travado entre uma
vida manietada e a ave torpe da iniquidade.

Mas outro gigante, Hercules, tão forte, tão justiceiro, como Prometeo, correu a salvar o martir das torturas do abutre e a quebrar as grilhetas que o prendiam.

Esta luta travada entre deuses e gigantes é eterna. A impotência de Jupiter, o deus, perante a força de Hercules e a resistência de Prometeo, é a impotência dos deuses modernos, que significam despotismo e crueldade, atributos de todas as divindades, perante o génio humano e a revolta dos homens que querem libertar-se.

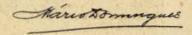
Também agora existe no mundo um Prometeo, mais belo e forte talvez do que o Prometeo do mito. Seu vulto enche o globo, sua sombra torna mais profunda a sombra dos vales florídos e dos mares incomensuraveis; seus braços agrilhoados enlaçam o globo; sua cabeça de torturado pende, sob o pezo da sua dor, para a Terra fecunda. O novo Prometeo é o proletariado universal, é a humanidade sofredora.

Jupiter, o Capítalismo, condenou o gigante à escravidão máxima. O abutre da iniquidade, da miséria, da fome e da ignorância rasga-lhe as entranhas e retalha-lhe o coração. E o gigante geme, contorce-se de dôr, clama a sua revolta. Mas os grilhões que lhe dilaceram os pulsos fortes não se quebraram ainda. O Hercules libertador, o espírito de revolta, não surgiu tampouco.

Nas grandes fábricas, ensurdecedôras de ruído, impelidas pela sua actividade fatigante, o novo Prometeo chora, escravisado; nos prados verdejantes, nas encostas florídas, nas minas soturnas, nas florestas misteriosas, sobre os oceanos infinitos, por toda a parte se ouve o gemido lancinante do pobre Prometeo que aguarda ancioso a hora da libertação.

Que Hercules acorde e se disponha mais uma vez a libertar a vítima; que a idéa de Liberdade, que o espírito de revolta subam ao Caucaso da tortura, que é o globo inteiro, e quebrem dum só golpe as pezadas correntes que prendem a humanidade.

Quando as lendas e mitos criados pela imaginação fecunda dos povos, correspondem aos sentimentos mais formosos da alma humana, não morrem nunca. Cada um de nós vive a tragédia de Prometeo, cada um de nós, pigmeu, é um reflexo do grande gigante manietado, da humanidade oprimida que clama bem alto a sua ânsia de Liberdade!



O EXTERMINIO DOS ANIMAIS

O homem é o pior flagelo de todos os outros seres da criação e arrisca-se a pagar, em dia que não vem longe, as suas imprevidências sanguinárias.

Nos tempos da selvajaria primitiva matava os animais ferozes. Carnivoro, como o leão, o tigre, o lobo, etc., disputava as mesmas prezas que estes perseguiam.

disputava as mesmas prezas que estes perseguiam.

Assim as feras foram desaparecendo progressivamente á medida que se iam fazendo aglomerações de homens. Na Africa já quasi não existem leões e dentro de
pouco tempo terão desaparecido os tigres da Asia.

Quando o homem começou a cultivar a terra, afastou para distante, não só os animais ferozes, mas tambem aquêles que destruiam as plantas que semeava e amanhava. E' certo que a presença dum elefante ou de outro qualquer paquiderme não era muito agradavel perto de um campo de trigo. Tratou portanto de afugentá-los, de destruí-los. E, dêste modo, pouco a pouco, todas as grandes espécies não domesticáveis fugiram da civilização. Só os pequenos, coelhos e raposas, por exemplo, puderam escapar á sua fúria, porque mais facilmente podiam ocultar-se. O exemplo mais típico desta eliminação por contacto é o dos bisões da America do Norte. Esse rebanho imenso de grandes bovideos corcovados que varriam como torrentes as vastas planicies americanas, logo que se estabeleceu a grande linha entre Now York e S. Francisco, dividiu-se em dois troços, um ao Norte, outro ao Sul, que nunca ousaram franquear a linha para se juntarem. Os bisões do Sul foram dissipados pelos caçadores; os do Norte, colhidos pelas tempestades de neve, morreram todos durante um inverno rigoroso.

E' verosimil que os elefantes da Europa tiveram igual sorte. A culpabilidade do homem em tais exterminações é, evidentemente, muito atenuada. E' preciso viver. Necessitava de alimentar-se. Aprisionou portanto os animais que lho consentem, tratou deles, engordou-os e imolou-os para satisfazer o seu apetite, o que é um abuso de confiança.

Outros animais, porém, mais malignos, preferiram continuar em estado selvajem. A êsses deu caça o homem. As espécies menos aptas para se evadirem desapareceram em grande número. Houve outr'ora na ilha Mauricia uma espécie de pombo gigante, tão lento, tão preguiçoso em utilizar as suas pequenas azas, que foi eliminado no século XVIII, chacinado sem piedade.

Desapareceram da mesma maneira de Madagascar e da Nova-Zelandia, os enormes oepyornis, maiores do que avestruzes, e os grandes pinguinos articos que vinham a nado fazer ninho nas ilhas Feroé e Hebrides.

Outro tanto tem sucedido com as baleias, muito estimadas pelo seu oleo, as suas barbatanas e o espermacête que delas se extrahem.

O mesmo se dá com as tartarugas, que vão desaparecendo dos grandes rios do Brasil e outros pontos da America do Sul.

E ás fócas sucederia outro tanto, se não as defendessem as frigidas regiões que habitam.

Antes da guerra chegavam anualmente aos mercados da Europa mais de 800.000 quilos de marfim, que representam o exterminio de 50.000 elefantes. Assim os rinocerontes, os hipopotamos, as girafas, etc.

Os cervideos dos Estados Unidos teem desaparecido. E assim os simeos e outras espécies.

Ao lado dos caçadores desportivos há os caçadores industriais, os caçadores de peles para abafos femininos, que buscam as lontras, as martas, os skungs, as raposas azues ou prateadas.

Os castores só existem, provisoriamente, no extremo norte americano.

E quem supre algumas das faltas de animais são os coelhos cujo preço, por êsse motivo, se tem elevado muito.

Na America estão-se tomando grandes medidas no sentido de poupar as aves que vão desaparecendo de maneira assustadora.

Renovação

ACTUALIDADES



Póde-se dizer que a nossa época, sem a fotografia, não seria o que é, tal o valor documental, social e vivo dêssa descoberta—de que derivou a litografia e todos os processos de reprodução gráfica—e ainda a sua influência em todos os domínios da nossa actividade. E' justo, portanto, que se celebre o seu centenário evocando o nome daqueles que a descobriram:—os franceses Niepce e Daguerre. O centenário da descoberta da fotografia foi celebrado de 29 de junho a 4 de julho próximo passado.

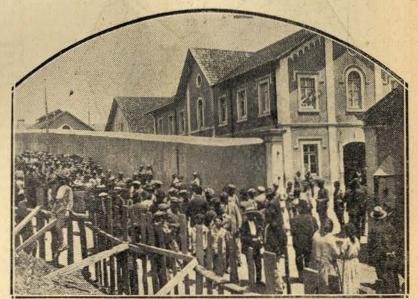


O Asilo-Escola António Feliciano de Castilho comemorou no principio do mês findo o 1.º centenário do autor do método de ensinar os cegos, adoptado universalmente. Chamou-se Luis Braille, êsse grande benemérito da humanidade.



Os proprietários ingleses de minas, pretextando a concorrência do carvão alemão, dispõem-se a reduzir os salários aos seus operários, ao que tenazmente se opõe a organização operária mineira. No caso de gréve, ameaçam os industriais com a importação do carvão da Alemanha, mas os trabalhadores dos portes e dos transportes declaram não descarregar nem transportar êsse carvão. Dada a importancia e gravidade que costumam revestir êstes conflitos na Inglaterra, o govêrno inglês encontra-se sériamente preocupado.

O retrato que publicamos é o de Cook, secretário geral da Federação dos Mineiros Ingleses.





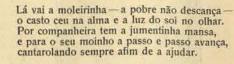
Em cima: o assalto de Infantaria I ao quartel dos Telegrafistas de Campanha, á Ajuda. Em baixo: o cruzador Vasco da Gama bombardeando a cidade.

Passádos vão já muitos dias e ainda se não conseguiu explicar o caracter e os fins da zaragata militar de 19 do mês findo. Segundo declaram os marinheiros do Vasco da Gama — o único vaso de guerra que tomou parte no barulho — tratava-se de um movimento republicano radical, e segundo os conservadores presos em S. Julião da Barra, da continuação do movimento de 18 de Abril. Segundo, porém, os boatos, o que houve foi uma intentona do chefe do govêrno, António Maria da Silva, político de habilidades, uzeiro e vizeiro em aventuras desta natureza.

DE BENTO FARIA

MOLEIRINHA

SIMBOLISMO



Que diga o mundo inteiro, assim como eu vos digo, se ha maior ventura. — Oh! creiam que não ha — do que moêr cantando o farto e loiro trigo, á sonhadôra luz de um sol tão nosso amigo, o trigo de oiro, ideal, que a terra-mãe nos dá.

Pobresinha de têr's, mas rica de esperanças, a terra, o ar, o ceu são êsses os seus bens. E tu, hnmanidade, em seu labór descanças, que ela tem a alegrá-la o riso das crianças e a encorajar-lhe a alma a gratidão das mães.

Que seria do mundo ignáro se não fosse da pobre moleirinha o rigido labôr, que ás almas terna paz pela abundancia trouxe, tornando a vida assim bem mais tranquila e dôce, que a fome géra o ódio, e o pão géra o amôr.

Lá vai ela subindo a encosta da montanha. Vai direita ao moinho, alegre, prazenteira. Move-a - di-lo o olhar - uma ancia tamanha, que o seu passo febril nada ha que o detenha, nem mêsmo o ardôr do sol, nem a propria canceira.

O moinho lá no alto espera-a sorridente, azas brancas de neve a doidejar no Espaço. Conheceu-a de longe e, mui pausadamente, entôa em sua honra um cântigo plangente e conta, ao tê-la ao pé, cingi-la num abraço.

Que tem bom coração no rosto se adivinha, pois nos olhos azues o sol anda a brincar. Fustiga brandamente a meiga jumentinha, Tem pressa de chegar pra trazer mais farinha, que o pão é, como o sol, o sorriso do lar.

Chegada lá acima a pobre da moleira sentou-se numa pedra, o alvo peito a arfar. Espráia a vista e nota a vasta sementeira, enxerga o trigo ao sol a crepitar na eira, e àcêrca do que viu se poz a meditar.

— Tanto trigo que a mó se farta de moêr e tanto que ainda ao longe ondula nos trigais. Que riqueza, meu Deus! inda ali por colher, e tanto e tanto lar sem pão para comer, tanto chôro de mães, tanto anceio de pais.

Quem ousará supôr que desta humilde obreira, tão humilde que a mim só me conhece Deus, depende todo o bem da humanidade inteira? Sou eu apênas, sim, a misera moleira, quem dá pão a comer a nobres e plebeus.

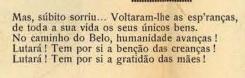
Se eu quizer nada vale o sábio mais profundo, nem ruge o pensadôr contra o mundo ruim; e o artista genial, que assombra todo o mundo, não logra revelar o seu estro fecundo, pois todos comem pão e precisam de mim !» -

Turvou-se a sua voz, mais dôce do que um favo, possaram-lhe no olhar relâmpagos de dôr. Agora o seu falar tem do amargôr o travo. E' que pensou que assim como dá pão ao escravo por fôrça o dá tambem ao déspota, ao senhor...

E recordou-se então que lhe voára da terra, na trágica epopeia, o irmão que muito amou. Lembrou-se que o seu pão – que ironia isto encerra! alimentou tambem essa hedionda guerra que a tanta pobre mãe o coração matou...

E erguendo-se a chorar foi direita ao moinho, já turvo o olhar de pranto, o peito a estremecer.

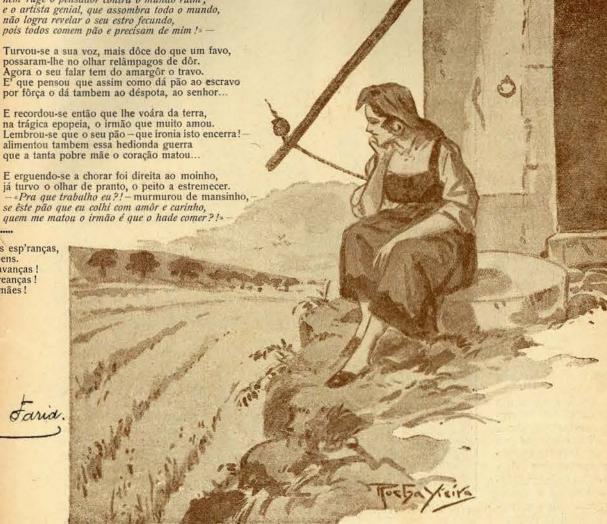
- Pra que trabalho eu?! - murmurou de mansinho, se êste pão que eu colhi com amôr e carinho,

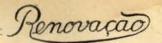


Julho de 1925.

(INÉDITO)

Bento Faria.





DO SORTILEGIO DA DISTANCIA

AO ENCANTO DE VIAJAR



ONTEMPLAR paisagens distantantes, imersas num encanto ignorado e floridas sob um sol extranho...

Ouvir a música das ondas, em seu eterno cantico de rebeldia...

Singrar os mares longinquos, que a superstição do homem preterito povoavá de monstros fabulosos e que a inteligên-

cia do homem contemporâneo transformou num elemento de riqueza...

Demandar as cidades rumorosas, onde palpita a civilização, como Paris; ou onde vibra o génio industrial, como New York...

Sentir a alma nimbar-se de emoção, aureolar-se de Beleza, ante os tesouros da Arte, em Itália, na Orécia ou no Egito...

Conhecer o segredo da imensidade, o sortilégio da distância infinita, fazendo projectar nossa sombra na desolação do deserto...

Deixar que os nervos vibrem sob o azul do céu do ocidente ou sob o escarlate do firmamento oriental.

Vislumbrar o amôr nos olhos femininos de todas as raças, quere seja numa rua de Constantinopla ou num bosque indiano, sussurrante e perfumado, quere junto a um pagode chinês ou numa mesquita arabe...

Pisar o convez dos transatlânticos, os compartimentos dos combóios internacionais e daqui e dali levar nos olhos a imagem quasi desvanecida duma mulher, ou a miragem fugidia dum panorama...

Saber onde ficam as enseadas que os navios preferem para lançar suas ancoras, em todos os continentes...

Escutar o ritmo de todos os idiomas e observar os costumes exóticos, desde esses que florescem no Japão até aos que se perpetuam em Marrocos; desde os que se adaptam junto aos polos até aos que se improvisam sob os tropicos...

Admirar os fenómenos grandiosos da natu-

reza, quere êstes sejam vermelhos e tragicos, como as fauces do Vesúvio; quere sejam convulsos e brancos como as cataratas do Niagára ...

Admirar, compreender que o mundo é pequeno, sentir-se livre, deixar-se vogar, num longo sonho errante, numa inquietude de todas as horas, numa curiosidade de todos os momentos...

Isso é viajar. Isso é a aspiração do homem, o anelo das almas.

Todavia, poucos homens o podem fazer.

A terra é pequena, e contudo para a maioria da humanidade ela é tão grande como o próprio universo.

Hoje, graças ao génio scientífico, póde-se dar a volta á terra em algumas dúzias de dias e, todavia, os homens, em sua maior parte, passam dúzias de anos, passam toda a vida, sem poderem transpôr a cidade ou o país onde nasceram.

A vida parece ser inimiga do sonho, parece querer vedar-nos todos os prazeres enebriantes que para nós ela própria criou. Na



var nos olhos a ima- o edificio Woolworth, em New York, tomado por emprezas comerciais briantes que para nos gem quasi desvaneci- e financeiras, é o maior do mundo. Tem 51 andares e 225 metros de altura ela própria criou. Na

Renovação

realidade, porém, é a sociedade e não a vida, que se tornou inimiga do homem.

Viajar é um prazer reservado apenas aos poderosos, aos ricos, como reservados lhes são todos os prazeres que o mundo encerra. E' um prazer que êles nem sequer sabem gosar, porque lhes falta para isso sensibilidade.

Viajar é um privilégio do ouro — e aquêles que dêle não beneficiam e que são, ao cabo e ao fim, os que constituem a verdadeira humanidade, encontram-se agrilhoados aos quatro palmos de terra onde vertem seu suor, essa terra que mais tarde se abrirá para lhes receber os tristes despojos.

E são assim como êsses animais que um destino odioso amarrou ás noras. São novos Sisifos, novos Prometeos sem posteridade.

O mundo está-lhes vedado: — em cada angulo da terra elevam-se altas muralhas, instransponiveis, inviolaveis.



As estatuas com cabeças de leão em Karnak - Egito

cinação da distância, encanto da longitude infinita.

Quem não invejou uma vez a vida nómada, o destino dos ciganos — destido peregrino, errante, deambulando sempre, acampando sob todos os céus, escutando o ritmo de todas as fontes?



Uma rua de Veneza - a cidade dos canais

E dir-se-á que o próprio firmamento se reduz, se empequenece, até se transformar numa rodoma, que ha-de servir de carcere ao homem — que é o mártir S. Sebastião...

Viajar... Sonho de artistas, anelo de todas as almas, aspiração de todos os espiritos... Fas-



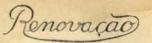
Uma ruagde Argel

Quem, uma só vez sequer, não se encheu de nostalgia por rincões nunca contemplados, ao vêr partir um dêsses navios que vão para longe, para muito longe?

E todavia, não é possivel partir - não é possivel! A Humanidade está presa, chumbada ao seu poste, crucificada ao madeiro das suas necessidades mais prosaicas, agrilhoada, algemada, ante seus algozes que tripudiam sobre o mundo, que se apossaram do mundo, que fizeram dos praze-

res da vida um vasto monopólio.

Ferreira defasto



SENHORAS! PARA QUE VOS PINTAIS?

SUPONDO TORNAR-VOS MAIS BE-LAS, APRESSAIS A VOSSA VELHICE



uso de pintar as faces, a bôca, os olhos, as mãos e os braços não é, como se sabe, moderno, visto que se encontraram sinais evidentes de *maquilhagem* em múmias femininas em tumulos egipcios e nas ruinas de Pompeia, mas a generalisação dêsse uso é um facto social recentissimo.

E porque as pinturas, ainda as mais finas, usadas pelas senho-

ras, podem ser causa de vários males por motivo

das substâncias químicas que comportam, julgamos interessante ocupar monos um pouco do assunto.

Antes de mais nada: Será uma medida de aceio — mais de boa higiene usar de pinturas?

Os bacteriologistas dizem-nos que os pós minerais, como o gesso, o talco, o carvão, conteem menos germens que os vegetais ou sejam o amido, o licopodio, etc., e sobretudo as substâncias gordurosas e as emulsões.

Portanto, senhoras que nos lêdes, o carvoeiro que fornece o combustivel diário, traz menos número de micróbios perigosos no pó que lhe cobre a

pele do rosto, do que aquêle que cultivaes no

creme que trazeis nas faces.

Esta verificação pronta, clara, evidente, provoca-nos o desejo de vos dar um breve conselho prático: «Fazei como o carvoeiro: lavai-vos
bem ao chegar da rua e não vos deiteis nunca
com o rosto cheio de pó ou de creme. Recordai-vos de que se fosse carvão, terieis de esfregar o rosto com uma escova para o lavar bem.
Esfregai, pois, o rosto com força, porque o pó
de que o revestistes é muito mais fino e penetrante do que o pó do carvão.»

Por outro lado, os pós, o carmim, o baton e outros productos são uma das melhores protecções contra os beijos e os perigos de contágio que estes apresentam, porque tais productos de beleza comunicam-se, mancham e não são nada comestiveis: seria preciso grande audácia para

os saborear...

Na carita duma creança seriam mil vezes mais eficazes do que o bordar-lhes nos babadouros: «Não me beije, por favor.»

Em todo o caso, a quem não possa em absoluto dispensar-se dos pós, devemos dizer que são inofensivos os que teem por base o talco, o kaolin, o gesso, o amido, e que o melhor de todos é o de flôr de arroz.

Mas, se todos estes corpos não são causticos, a sua presença sobre a pele, a sua penetração nas glandulas, procurada voluntariamente pela aderencia, entrava as funções das glandulas e

condu-las á atrofia prema-

tura, á velhice.

É' de toda a conveniência, portanto, lavar o rosto e as mãos, ao voltar da rua.



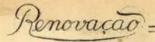
Os cremes tambem não se acham isentos de inconvenientes, bastando dizerse que a maioria dêles deve a sua untuosidade á banha de porco, ao oleo de ricinos ou ao sebo de carneiro, para se compreender a necessidade de lhes adicionar antisepticos que os impeçam de criar ranço e de perfumá-los suficientemente para ocultar o far-

tum natural que dêles se evola.

As demais pinturas são irritantes da pele em virtude das substâncias químicas que conteem, especialmente os productos que teem o chumbo por base.

Nas leis que protegem os pintores civis foram esquecidas as pinturas no rosto, que deviam ser, senão absolutamente profibidas, pelo menos, restringidas ao uso dos profissionais de teatro, que devem ter o máximo cuidado em lavar-se, ao terminarem os seus espectaculos.

E' curioso constatar que o vermelho que se põe em geral nos lábios, composto de corpos gordurosos, mais ou menos repugnantes, perfumado e colorido, não provoca tantos perigos,



como os dentífricos, cujo uso quotidiano é indispensável, que determinam muitas vezes inflamações nas gengivas e nos lábios, especialmente quando conteem salol.

São tambem nocivos os preparados depilatórios e as tinturas para o cabêlo, assim como as pomadas contra as fugagens, eczemas, manchas, etc.

. .

A pele reflete o nosso estado de saúde e os nossos cuidados externos são nfuito menos importantes que uma boa higiene geral.

Um ar puro, uma alimentação simples e um sono prolongado valem todos os cuidados de conservar a beleza artificialmente.

Alguns conselhos para finalizar:

A côr rosada obtem-se ensaboando todo o corpo, ao erguermo-nos do leito, aspergindo com água fria. Enxuga-se por meio de uma fricção vigorosa com uma toalha grossa. Repetese a receita ao deitar.

Viver o mais possivel ao ar livre; procurar o vento e o sol; conservar a janela aberta toda a noite; evitar a permanência nos cinemas, ex-

posições, etc.

Deitar ás 21 horas e levantar cedo, para poder fazer uma hora de passeio, a passo rápido, ao ar livre. Usar saltos baixos e não vestir espartilho.

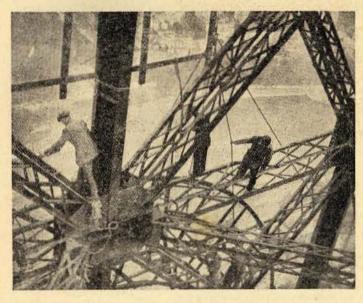
Fazer quatro refeições diárias, duas grandes e duas ligeiras, e não comer coisa alguma nos

intervalos, e mastigar bem.

Beber só ás refeições ou meia hora antes, água. Alcool nunca. O vinho e o café são bebidas inuteis.

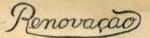
ACTUALIDADES

A DECORAÇÃO LUMINOSA DA TORRE EIFEL



Um dos mais surpreendentes espectaculos que Paris actualmente oferece aos estrangeiros que a visitam, é a decoração luminosa da Torre Eifel. As gravuras juntas mostram o risco que correram os operários no trabalho vertiginoso da colocação das lampadas formando letras e motivos decorativos, na armadura de ferro da Torre que tem 300 metros de altura.

Os nomes dos arrojados acrobatas que arriscaram a vida para goso dos outros, são desconhecidos. O do engenheiro electricista que idealizou a decoração, êsse é reclamado em todo o orbe pela imprensa burgueza. Chama-se Fernand Jacopozzi.



oterrad

NOVELA SOCIAL POR EDUARDO FRIAS

Para bem do Bernardo, o capataz fazia-o desesperar para que ele se aborrecesse dum esforço exagerado que nin-Para bem do Bernardo, o capataz fazia-o desesperar para que ele se aborrecesse dum esforço exagerado que ninguem premiava e antes atraía a humilhação do chefe que constantemente lhe punha defeitos no trabalho realizado.
Propositadamente, os mais madraços eram acareciados, poupados á vigilancia feroz, para que do contraste resultasse
a renuncia, o rapido e voluntario nivelamento, a submissão completa, normal, em que o homem fica reduzido á sua
função de animal de trabalho. Este era o gesto do verdadeiro amigo, porque esmagar-lhe a função de pensar, de tomar
consciencia de si, era afugentar o perigo, a desgraça iminente, terrivel, fatal.

O Bernardo era um hercules. Resistia. A amargura de viver era intensa, o desejo inconsciente de deserção era
cruel, tomava-o todo, e nesta luta anonima, o Bernardo sofria, ainda mais exaltando o seu desespero.

A agrayar o mal. a miseria a tornar-se mais compacta, porque a capatar, vendo a resistencia de Bernardo pre-

A agravar o mal, a miseria a tornar-se mais compacta, porque o capataz, vendo a resistencia de Bernardo, pretendia rende-lo pela fome.

Tres dias na semana, o Bernardo não trabalhava porque o capataz, quando engajava pessoal para a descarga, ao escolher os grupos, simulava esquecer-se dele, ou mais descaradamente dizia-lhe;

— Tu hoje não convens. Trazes lá uma coisa na cabeça e o trabalho não fica capaz... Mesmo pode haver algum

desastre; porque essa cabeça não anda boa..

O Bernardo então, para suprir a falta desses dias, atirava-se á venda das cautelas, e á espera que a venda se realizasse muitas vezes só almoçava a altas horas da noite... O desespero engrossava... Sentia-se perseguido em casa e no trabalho, como um ser maldito, acossado pela familia e pelos companheiros de labuta. Um odio subterraneo, um discontrato de labuta. Um odio subterraneo de labuta odio nihilista, devorava-o, trucidava-lhe os derradeiros instantes da razão vacilante, e pervertia a parte mais nobre do seu caracter.

Secretamente odiava o velho, com o rancor imanado do medo. Atribuia-lhe intimamente a responsabilidade da sua existencia torturada, mas logo vinha a impossibilidade do raciocinio perfeito, surgia a tragedia obscura da contradição e acabava por achar o pai um velho pandego que alegrava o pateo com as suas facecias e que atraía afinal as

simpatias geraes para a sua casa.

Esta contradição, desnorteando-o fazia com que o Bernardo se considerasse um homem perdido, impotente apezar da força herculea despendida no trabalho. Todo este drama interior, encoberto com a colera, a violencia e atrofia pelo alcool, abrangia apenas a casa, o conflito, o odio entre ele, a mulher e o velho. E os filhos? Ainda mais esse contrapeso de dôr, agora que eles já começavam dando sinal da sua existencia declarada de vagabundos e ladrões. Já não era só o pensar neles. E' que já os apontavam como criaturas que é preciso meter na cadeia. Realizava-se a profecia daquele velho

maldito. Acumulavam-se as desgraças.

O padrinho dum dos rapazes, um chefe de secção dos escritorios do porto, chamara o Bernardo de parte para o censurar sobre a sua falta de vigilancia para com os filhos.

Um deles, fora apanhado a arrombar um caixote de conservas. Se não fôra a sua influencia no governo civil e

estar relacionado com muitos agentes da judiciaria, o rapaz já teria ido a caminho de Africa.

O Bernardo ficou pregado ao chão, petrificado, estupido. Ele não sabia que responder a um homem que pertencia a um outro mundo onde nem mesmo o seu pensamento poderia penetrar. Se conseguisse essa penetração, ficaria sabendo que aquele homem, que acabara de lhe falar a linguagem do dever, tinha casas de passe por sua conta, roubava incautos nas casas de batota, e mantinha relações de camaradagem com toda a enxovia do bas fond policial.

O Bernardo não podia ver nada. Os horizontes do seu raciocinio eram muito limitados. O seu instinto estava muito obscurecido pela escuridão da cave e, a aumentar este enevoamento, a dôr, o odio, a ternura excitada até á fe-

rocidade, cegavam-no completamente. Tornou-se desconfiado, medroso, taciturno e sombrio.

Quando abandonava o trabalho, regressava a casa, e atirando-se sobre um baú, ali ficava sentado largo tempo encarando fixamente a sombra do candieiro projectada na parede. Com um orgulho feroz, evitava toda a especie de conversação. Comia lentamente, olhos no prato, evitando encarar a mulher, fugindo do velho, colocando nos mínimos detalhes uma preocupação teimosa de não fazer ruido.

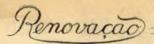
O mais leve rumor irritava-o, acordava nele um impulso de acção tumultuosa, destrutiva, mas logo os músculos se retezavam num violento esforço de dominar os instintos. As veias do pescoço inchavam. Os olhos despediam faíscas. Acrescentada á monotonia da existencia, esta falta de rumor, esta ausencia de movimento, de conflicto, o silencio era uma coisa pesada, apavorante. Cessaram as disputas diarias. O proprio velho calava-se tambem, agachado no escuro, como raposa que fareja indecisa a atmosfera carregada, e o silencio entenebrecido de sombras comunicava traiçoeiramente a alma da cave e os espectros da cova aos instintos obliterados daquela gente.

Num violento esforço, a mulher do Bernardo tentou arrancá-lo áquele turpor suspeito. Com um malicioso pretexto, invocou o futuro dos filhos, mas o Bernardo não se mexeu. Com diabolica astucia, revolvia-lhe a ferida aberta com a ausencia dos filhos, anciosa por conflicto, e o Bernardo continuava espantosamente na mesma atitude concentra-

da, orgulhosa, desconfiada e melancolica.

À todas as provocações da mulher o Bernardo resistia, até que ela finalmente vencida, entrou a apiedar-se dele, a admirá-lo, a comungar na sua dôr.

Um derramamento de ternuras serviu a seus maliciosos instintos de mulher escravisada, para uma especulação... Deixando desenvolver-se livremente as torrentes de ternura que se escapavam do fundo de todo o seu ser, procurava captá-lo com carinhos, envolvendo-o de atenções, de meiguices, de caricias e de lisonjas.



lhe passar os seus desgostos. Com um gesto indiferente, mas decidido, o Bernardo recusou a oferta. Ela teimou, deixara de comer para lhe comprar o vinho, mas o Bernardo mantinha-se no mesmo silencio obstinado. Num abandono feliz, como que a provar-lhe que já não o temia, sentava-se junto dêle, satisfeita do seu querido marido que já não tinha acessos de fúria brutal. Recordava, como uma coisa distante, a sua vida de constante zaragata, em que ela era sempre a vitima das suas bebedeiras.

Tudo tinha mudado. O seu bom marido ja não lhe batia, já não bebia. Afinal um Deus bom protegia-os, porque conseguira realizar esse grande milagre de poder amar a sua casa, tranquila, risonha de esperanças. Acabaram-se as scenas vergonhosas do espectaculo diário das zaragatas que fazia rir todo o pateo...

Uma vez o seu marido assim, sem beber e sem lhe bater, tudo correria muito bem. O padrinho dum dos rapazes, talvez lhe arranjasse um logar num armazem onde ganhasse mais e se sacrificasse menos. Poderiam sair daquela maldita cova e ter a sua casa onde sentiriam a alegria de ter os filhos junto de si, porque, em êles sabendo que o pai já não lhes bateria, viriam logo para junto da familia.

Embevecida neste sonho, a mulher do Bernardo alheara-se do que se passava em redor dela. Não dava pelo

afrouxar da luz do petroleo, que esmorecia lentamente abafada por um morrão enorme... Não ouvia tambem o ressonar do velho, que uma mais forte bebedeira atirara para um canto a dormitar. Não via, não ouvia nada a mulher do Bernardo, e não viu tambem o fuzilar dos olhos do marido, as crispações medonhas do seu rosto e o enclavinhamento desesperado, convulso, das suas mãos. Ela via apenas a possibilidade da realização dum sonho de libertação, toda ela estava possuida da sensação do milagre duma nova vida, desde que o marido deixara de beber e al-

voroçar o pateo com os seus gritos e gesticulações brutais. — Nós não podemos nada — gemeu o Bernardo. — Nós não podemos sair desta vida. Cala-te... Cala-te!

Apetece-te agora beber? - fez ela enternecida, ao mesmo

tempo que lhe chegava a garrafa.

Ele voltou a recusar a bebida e recaíu numa tristeza tenebrosa de presagios. A luz frouxa do petroleo, prestes a extinguir-se, carregava o ambiente de sombras e fumarada densa, abafadiça. Subito, o Bernardo abandonou o baú e com a respiração ofegante, os gestos sacudidos, encaminhou-se como um louco para a porta, vociferando:

Não posso!... Não posso mais!... Acabou-se... Não me digas... Não me respondas nada... Foje... Acorda o velho... Diz-lhe que fuja tambem... Fujam todos... Isto acaba mal... Não posso...

Onde vais tu, Bernardo? gritou ela aterrorizada - Que vais

fazer?

Não sei!... Cala-te... Olha, parece-me... Cala-te... Diz ao velho que se cale... Corre... Diz ao velho que não esteja a rir assim... Vai-lhe dizer senão, eu mato-o.

Mae al a seta seta de cala de cala

— Mas éle está a dormir—gemeu ela—Socega. Que tens?... Que queres fazer? Lembra-te que tens cinco filhos... — Cala-te... Não me fales desses grandes tratantes... Por causa dêles é que é isto tudo. Se eu tivesse rachado um dêles de meio a meio, os outros entravam nos eixos e eu não estava agora assim, com a cabeça nem eu sei como.

Mas éles não teem a culpa — suspirou ela — Que é que êles hão-de fazer? Éles já nasceram assim, com aquilo no sangue.
 Não os defendas... Não acudas por êles... Por tua causa é

que êles estão assim.

Tenho dó déles!

E eu, minha cadela, não tenho sofrido tambem pelo bem deles? Então eu, minha velhaca, quero o mal dos meus filhos?

Não lhe queres mal, mas só pensas em maltratá-los... Cala-te... Assim é preciso!.

O Bernardo avançou para a mulher ameaçador.

Precipitada bruscamente do seu sonho dum lar tranquilo e feliz, ferida no seu orgulho de mãe, entrou a defen-

der os filhos com furor de leôa espicaçada. Vendo o marido ameaçá-la, não se conteve, e retorquiu:

— Antes de pensares em castigar os rapazes, dá-lhes primeiro de comer... Temos días, eu e o teu pai, que esperamos, até quási de madrugada, que tu venhas com algum dinheiro, para comermos. Passamos todo o dia a tua espera... Imagina se os rapazes aqui estivessem... Passavam fome e ainda por cima tu os desancavas. Não... Não... Arranja primeiro a maneira de lhes dar o sustento...

— E eu não trabalho, vibora!... Não me mato a trabalhar, minha grande cabra!... Ah!... velhaca! Morro de tra-

balho, e sou eu que tenho a culpa. Eu já te vou mostrar quem é a causa disto tudo...

Num salto atirou-se sobre ela, agarrando-a violentamente.

A luz do candieiro, debatendo-se com a falta de petroleo, mal continha o avanço da treva. O Bernardo entrou a vêr vermelho. Sentindo-se agarrada, ela debatia-se furiosamente, e os dois, aos encontrões a tudo, confundidos na pe-sada penumbra, acabaram por fazer tombar a meza e despedaçar o candieiro.

Imersa na treva, a cave impunha-se agora terrivelmente dominadora, acordando todos os espectros, todas as sombras dos seus maleficios. Naquela profunda escuridão, o ressonar do velho parecia a escalada subterranea das larvas do mal, a ascensão de um cortejo híbrido de dragões do vicio, do crime e da loucura.

O Bernardo continuava a vêr vermelho, um vermelho de fogo que lhe saía das entranhas e o abrazava todo, en-

louquecendo-o de epileptica fúria. Então pareceu-lhe ouvir a voz do velho cortando a treva: — Mata-a!... Mata-a!... Acaba com tudo de uma vez... Não tenhas piedade... A piedade é que te perdeu sempre... Não te rales... Por te ralares é que sofreste tanto... O mundo reserva apetecidos bocados aqueles que se não importam com responsabilidades... Mata-a... Acaba com isso, depois vamos beber... Acaba-se tudo...

O velho, porém, continuava dormindo, mas o Bernardo ouvia-o ainda, ouvia-o sempre, cercado de figuras fantas-

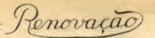
ticas, terriveis, contorcendo-se de riso e empurrando-o mais sobre a mulher, guiando-lhe os braços, ao mesmo tempo

que gritava:

Hipnotizado de medo, convulsionado de odio, o Bernardo apertava sempre o pescoço da mulher para se agarrar



...e os dois confundidos na penumbra, acabaram por fazer tombar a meza e despedaçar o candieiro.



a alguma coisa que o impedisse de ser tragado pela treva, porque sentia o chão fugir-lhe debaixo dos pés e as figuras sinistras, acenderem no escuro clarões vermelhos.

Petrificado de pavor, perdera completamente a noção do tempo, a consciencia de si, a sensação da treva. Um silencio de tumulo entrou por fim a dominar a sombra, e tão pesado era êsse silencio que o velho acordára sacudin-

do-se violentamente. Levantou-se estremunhado, as idéas enubladas ainda, sob os vapores do alcool.

Ao primeiro passo, tropeçou com um corpo, pizou-o, e parecendo ouvir uma voz humana entrou a pontapeá-lo num delirio de terror. Voltou o pizar outro corpo e tornou a esmagá-lo com os pés. A's apalpadelas encaminhou-se para a porta. Uma prudencia nativa, de mistura com o pavor, impedia-o de gritar. Com poucas passadas alcançou a porta e encontrou-se fóra da cave. Respirou fundo, esfregou os olhos. A cave parecia-lhe agora um poço profundo, uma entrada sinistra para o inferno.

No pateo, como sempre, os curiosos aguardavam a saída do Bernardo, na costumada fuga para a taberna.

No pateo, como sempre, os curiosos aguardavam a saída do Bernardo, na costumada fuga para a taberna.

Ao vêr apenas o velho, a multidão ria, cochichando comentarios maliciosos.

Batido pelo ar, pela claridade, o velho sentia o despertar horrivel dum pesadelo que mais e mais se avolumava em realidade. O esforço alucinado para encontrar a porta, dissipara-lhe os ultimos fumos da bebedeira. E compreendeu tudo. Não podendo conter-se, numa ânsia de gritar, explodiu de angustia:

— Lá estão êles! Vão vê-los agora... Lá em baixo... no fundo... muito em baixo. E' horrivel!... Estão lá perdidos no escuro... Vão vêr... Matou-a... Acabou por matá-la...

A multidão ria, com mais uma facecia do velho.

Ninguem o acreditou. Neuhum daqueles seres esmagados pela vida teve a curiosidade de baixar á coua a con-

Ninguem o acreditou... Nenhum daqueles seres esmagados pela vida teve a curiosidade de baixar á cova a confirmar as palavras do velho... Aquilo devia ser bebedeira por força. E é que estava tão bebado que até lá lhe dava para chorar

Matou-a!... Matou-a!... O grande bruto!...

A multidão continuava indiferente, e por fim acabou por dispersar aos poucos. Perdido na noite, o velho clamava, bebado de dôr:

Eu bem lhe dizia:.. Ninguem se importa comnosco... Nem que nos vejam chorar... Pior que animais... rande tanso... Tambem querias carinho e te preocupava o dever... Grande animal... Eu bem te dizia que essas idéas te haviam de trazer desgraça... Querias então educar os filhos?... Isso não é para Ah!... grande tanso... nós... Isso não é para os desgraçados como nós...

FIM

Edwards Frag

MUNDO CURIOSO

Os cabelos brancos e a calvicie

Os jornalistas, romancistas e poetas não perdem nunca a ocasião de fazer embranquecer numa noite a cabeca das suas heroínas, citando a história numerosos casos nêsse sentido, entre êles o de Maria Antonieta, mulher de Luiz XVI.

Henrique IV contava que tinha passado a jornada de Saint-Barthélemy cheio de desespero e terror, com a cabeça entre as mãos, e que no dia seguinte uma grande parte da barba e da cabeça estavam brancas.

Alguns casos foram observados por médicos do século passado, como o de um cipayo capturado pelos ingleses e amarrado á bôca dum canhão, cujos cabelos se tornaram grisalhos em meia hora.

Na última guerra nada consta nêste sentido.

E' inútil cortar os cabelos para os tornar mais fortes e mais numerosos. O facto é demonstrado por um histologista paciente que passou muitos mezes a medir com o auxilio de microscopio, dia a dia, a rapidez do crescimento dos cabelos ou da barba. As suas conclusões são formais: as diferenças são insignificantes.

E ainda a respeito de cabelos. A calvicie é apanagio quasi exclusivo do homem, devendo sempre atribuir-se a uma má higiene, excesso de trabalho e outras causas.

Em todo o caso nada nos impedirá de encalvecer, se o cabelo começar a rarear.

Precocidade artistica

Pietro Mazzini é um singularissimo caso de precocidade artística, um dêstes desvios da natureza que surpreendem e emocionam.

Tendo apenas cinco anos e meio de idade, interpreta no piano, com rara precisão e audácia, os mais maravilhosos trechos musicais.

Perante um público de mestres, sem o auxilio dos pedais, que os pés não alcançam, tocou as mais díficeis composições de Hummel e Beethowen, parecendo-se fisicamente com este grande músico.

Sua mãe, Carla Bemossi, cantora de fama, cantou acompanhada de cór pelo prodigioso músico. Não a via, apezar de se achar atraz dêle e acompanhou guiado pelo ouvido e o sentimento musical.

Quando Pietro Mazzini contava apenas 5 mêses, a ama que o criava e vivia nos arredores de Paris, telegrafou ao pae, que era jornalista, comunicando-lhe que o menino estava em perigo.

Um médico ilustre que o examinou disse que se tratava dum caso extraordinario de precocidade. O seu cerebro tinha o desenvolvimento duma creança de 5 ou 6 anos.

Aos 9 mêses, marcava o compasso quando a mãe cantava, e aos 18 mêses cantarolava, e assim foi indo a ponto de constituir o maior fenómeno conhecido na especialidade musical.

SE APRECIAIS ESTA REVISTA E

JULGAIS UTIL O SEU LABOR, CONCORREI PARA A SUA EXPANSÃO.

SE CADA ASSINANTE DA RENOVAÇÃO CONSEGUISSE UM NOVO
ASSINANTE, ESTA REVISTA PODER-SE-IA PUBLICAR COM O DÔBRO DE PAGINAS SEM ALTERA
© ÇÃO DO PREÇO ATUAL © ©



REVISTA GRAFICA

DE

NOVOS HORISONTES SOCIAIS

Arte, Literatura e Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Condições de assinatura:

Portugal e Espanha

Exterior

ANUNCIOS

No interior e ultima pagina da capa, ilustrados e a côres, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38-A-LISBOA

and the second s